

## LITERATURA DIGITAL, UM NOVO GÊNERO DE LITERATURA?

As novas tecnologias têm influenciado sobremaneira a forma como o homem vive e se relaciona em vários campos da vida. Os *bits* produzem uma nova forma de informação, que, aos poucos, substitui a informação gerada a partir dos átomos. A possibilidade de todas ou quase todas as empresas de uma sociedade fabricarem produtos, veicularem conteúdos ou informações e oferecerem serviços de forma digital é um das principais características da Era digital.

A informação em *bits*, por não ser física, tem a possibilidade de ser transmitida em menor tempo e de ocupar até mesmo um mínimo de espaço. Além da facilidade em compactação de informação e supervelocidade de transmissão de conteúdo, na Era digital, a produção cultural também pode se beneficiar da confluência de diferentes suportes na produção de linguagens e processos de comunicação humanos, que se constitui na hipermídia. Assim, no campo literário, um romance impresso pode ganhar experimentações artísticas e interativas quando se converge para o formato digital.

A velocidade da transmissão de ideias em ampla escala nunca foi tão intensa e completa.

Para o jornalista e professor, doutor em Letras e pesquisador em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Marcelo Spalding, a Era pós-2000 traz consigo uma revolução rápida e silenciosa, a revolução dos *bits*. Segundo Spalding, *Alice for iPad*, publicado em abril de 2010, e que foi tema de sua tese de doutorado, tornou-se um símbolo das possibilidades do livro digital: “Com ilustrações que se movem à medida que o leitor balança o aparelho, trabalho gráfico cuidadoso e diversas animações que o transformam numa emblemática releitura do clássico”. Autor de cinco livros, entre eles, “*As cinco pontas de uma estrela*” e “*Mitos Digitais*”, Marcelo Spalding, que é idealizador do movimento “Literatura Digital” e possui marcante atuação no campo da hipermídia e em educação de abordagem

conectivista, responde algumas questões importantes sobre a hipermídia e o leitor diante das novas possibilidades da Era digital.

**Você desenvolveu uma tese de doutoramento com o título “Alice do Livro impresso ao e-Book: Adaptação de *Alice no País das Maravilhas* e de *Através do Espelho* para iPad”, cujo tema *Alice for iPad* é inovador e de grande relevância para quem estuda as produções literárias e culturais para crianças e jovens, neste universo de novas tecnologias. De onde partiu o seu interesse pelo tema? Como se deu a trajetória por esse caminho ainda pouco explorado na academia?**

Desde muito jovem, eu tive duas paixões: livros e tecnologia. Cresci lendo muitos livros e louco de vontade de ter um PC, na época ainda caro. Depois entrei em jornalismo, em letras, fui fazer mestrado, mas sempre trabalhando com manutenção de sites. Só então percebi que literatura e tecnologia estavam se aproximando cada vez mais, e entrei no doutorado, em 2008, para estudar a literatura para web. Já no meio do doutorado, surgiu o iPad e aqueles livros interativos e, então, mudei meu foco. Devo ter sido o primeiro pesquisador a defender uma tese sobre livros para iPad, em 2012.

**Qual a sua visão, na Era digital, da relação livro, literatura e leitor, diante dos recursos da hipermídia?**

O historiador Roger Chartier diz que a revolução digital é a maior revolução da história da leitura, maior ainda que a prensa de Gutemberg. Nós não temos como avaliar por estarmos vivenciando este período, mas muda radicalmente, com o texto perdendo seu protagonismo.

**Pensando na criança como leitora, o que você acha que ela espera encontrar em obras de cunho literário, nas telas do tablet, do computador?**

A criança, e talvez qualquer pessoa, acessa um tablet, um computador, uma televisão ou uma biblioteca para se divertir. Ou para aprender, às vezes. Pelo menos deveria ser assim, não por obrigação. Portanto, a criança não espera encontrar literatura, a literatura é que deve ser atrativa para que a criança descubra seu poder.

**E por que a escolha de *Alice*, de Carroll, para a abordagem mais importante em sua tese no que se refere ao diálogo literatura e hipermídia?**

Na verdade, a escolha foi menos pelo texto do Carroll do que pelo produto desenvolvido para iPad em cima da obra. Foi o primeiro aplicativo literário a explorar as ferramentas do iPad, lançado apenas um mês depois do lançamento do iPad.

**Frente a um tema ambicioso que é “literatura e novas tecnologias”, com qual apoio teórico bibliográfico você contou para desenvolver sua tese doutoral? Qual foi o maior desafio?**

O maior desafio da tese foi lidar com tantos temas distintos, desde tecnologia até sociologia, passando, claro, por comunicação e literatura. Deixei muitas ideias para trás, caminhos que não explorei. Em relação ao apoio bibliográfico, há muita coisa boa escrita sobre literatura e sobre tecnologia. Só precisei juntar uma com a outra (embora haja bons autores fazendo isso antes e com mais sistematização do que eu, como a Tânia Rösing, aqui na Universidade de Passo Fundo – UPF).

**Você pode apontar alguns aspectos de sua pesquisa que considera mais inovadores e também comentar sobre as contribuições que esse estudo pode trazer aos educadores, principalmente se pensarmos naqueles que estão envolvidos com a formação do leitor literário?**

Meu grande objetivo com a pesquisa foi investigar se a literatura pode sobreviver ao livro. E sim, a literatura está para além do livro. Tomara que o livro exista enquanto nós formos vivos, por mais cem, mil anos, mas caso o livro acabe, a literatura permanecerá em outros formatos. Esta é a grande contribuição que espero levar a tantos que temem pelo futuro da literatura. Fora isso, uma pesquisa como essa é claro que traz diversas reflexões sobre o que é literatura, o fazer literário, etc.

**Você acredita que a cibercultura pode ser um fator limitante diante de um grande público sem acesso aos equipamentos que veiculam o e-book ou livro digital?**

A cibercultura é a cultura da rede. Claro que há parte importante da população que não tem acesso a ela por questões financeiras, mas será que esta parcela tem acesso a livros? Será que essa parcela consome livros de forma natural? Hoje é muito mais provável que o jovem da periferia tenha internet do que compre livros numa livraria, então o discurso de que a tecnologia é para poucos vem se dissolvendo. Isso não significa, por outro lado, que está se formando um fosso cultural entre os que têm e os que não têm acesso à tecnologia. Mas também há um fosso cada vez mais profundo entre os que têm boa habilidade de leitura e os que não têm.

**As novas tecnologias modificam a literatura? E a leitura como se desenvolve suas práticas e seus processos?**

As novas tecnologias modificam a leitura sim, mas é difícil para nossa geração especificar como isso acontece. Por enquanto, temos alguns palpites, como a questão da velocidade, da multimídia. Mas ainda é cedo para afirmações contundentes.

**Como se articula a linguagem da literatura digital com o som, com a voz, a música enquanto elementos estruturantes da narrativa?**

Não é possível criarmos uma poética desse tipo de literatura ainda, por enquanto o importante é observamos sua potencialidade. Quando surgiu o cinema, começaram a filmar peças de teatro. Mas cinema não é teatro filmado, o cinema tem uma linguagem própria, com planos, cortes, efeitos especiais etc. O que não significa que um filme tem, necessariamente, que ter efeitos especiais. Dessa forma, a literatura digital pode explorar ou não o multimídia, explorar ou não algoritmos de programação etc.

**Você analisou em sua pesquisa o livro digital *Alice em NewYork*, o que caracteriza a adaptação da obra literária de Lewis Carrol para o código digital, a linguagem da hipermídia ?**

Na verdade, fazendo uma crítica à adaptação chamada *Alice for iPad* (o *Alice in NY* é posterior, publicado um ano depois, e faz uma má adaptação de *Alice Através do Espelho* para os dias de hoje) podemos dizer que foi um primeiro passo, mas bastante rudimentar frente às possibilidade deste novo meio. O que os criadores fizeram foi pegar o mesmo texto, a base das ilustrações originais e criar alguns efeitos próprios do iPad.

**Como você avalia a literatura digital em sua tese doutoral? Como você vê a permanência do leitor e da literatura, essa “forma especial de comunicação”, como diria o filósofo Hans Jauss?**

Exatamente, a literatura digital vem para ser um novo gênero de literatura, como há a chamada literatura oral, o romance, a poesia etc. E este gênero demonstra que a literatura está para além do livro e que não irá terminar caso o livro enquanto objeto termine. Por outro lado, há um enorme risco, que é a perda de prestígio da leitura. Se nossos governos continuarem achando que os jovens não precisam ser proeficientes na sua própria língua, não teremos leitores e nem livros. Sejam eles digitais ou de papel.